

# FENOMENOLOGIA DA LUTA E DA ARTE MARCIAL

Cristiano Roque Antunes Barreira – Universidade de São Paulo

## Resumo

Este trabalho realiza uma análise fenomenológica que visa evidenciar a essência da luta e das artes marciais. Delimitando fenômenos fronteiriços à luta, como a briga e o duelo, a análise evita definições explicativas para, ao contrário, explicitar a dimensão intencional que constitui a luta. Posteriormente, debruçando-se sobre o que diferencia as artes marciais de simples técnicas, bem como sobre aquilo que as caracteriza essencialmente, incluso no que lhe diferencia da simples luta, é trazida à luz a estrutura definidora das mesmas no que se pensa uma contribuição importante para apreender compreensivamente as possibilidades presentes no interior desse fenômeno antes de se o assumir pelas leituras prontamente moralizantes ou instrumentais em acordo com o cumprimento de normas estabelecidas ou finalidades pré-definidas estranhas à luta mesma, embora gravitando em sua órbita.

Palavras-Chave: fenomenologia, luta, artes marciais, esporte.

## Abstract

Esse trabalho busca realizar uma análise da luta e das artes marciais tendo como princípio o uso da fenomenologia clássica, portanto, pautando-se a todo momento na aplicação da redução fenomenológica. Como as *artes marciais* são um caso da *luta*, fenômeno mais genérico que tem nas primeiras alguns modos de especificação, começemos a análise partindo de uma questão que expressa um modo bastante típico de se pensar a luta: a diferença entre briga e luta é a existência de regras, árbitros, medalhas? A opção por partirmos dessa pergunta inicial contempla a atenção ao posicionamento do qual a fenomenologia decididamente se afasta, o posicionamento próprio à *orientação natural*.

## Fenomenologia da luta

Logo após a primeira impressão, a comparação da briga com a luta, nos leva a explicá-la pelo aspecto institucional, referido à pergunta colocada, aparentemente responsável por tirar o confronto da "barbárie" e o elevar a um modo "civilizado", regulando a distribuição dos méritos. Assim, a institucionalidade da luta é freqüentemente assumida como marcadora de sua distinção com a briga. É a institucionalidade que define a luta esportiva, competitiva, havendo mesmo uma íntima relação dessa regulação e mediação jurídica com o surgimento do esporte na modernidade. Como nossa cultura é imersa na visão política contratualista e na visão filosófica racionalista, essa visão é assumida como sendo natural, tornando quase impensável observar as coisas por ângulos diversos. E se, ao distinguirmos luta e briga, recuarmos àquilo que nos é revelado pela "primeira impressão"?

Deixemo-nos levar pela imaginação de duas cenas, a de uma luta e a de uma briga. Nesse momento, deixarmos-nos levar pela imaginação nos re-orienta a atenção: passamos à orientação fenomenológica. Deparamo-nos, então, com a evidência de que na luta há uma disposição mútua para o enfrentamento nos indivíduos que se confrontam. Levar em conta essa disponibilidade muda tudo em relação à visão contratualista, porque nos lança diretamente à essência do que se passa na luta. Essa atitude corporal, visível, pode até ser encontrada na briga, mas a disponibilidade é muito diferente.

Se tomarmos a estética como aquilo que é proporcionado aos sentidos, temos que a diferença de estética entre briga e luta nos leva à diferença ética. Na briga o outro é coisificado, é o alvo de hostilidade; sobre ele pretende-se fazer valer a força violenta; aliás, assim como a violência, a briga costuma ser feia. Portanto, a hostilidade na briga leva às vias de fato – pelo menos circunstancialmente – a intenção cega de fazer com que o outro se torne mera coisa, apagado ou paralisado na motivação que rivaliza com a minha, diminuído, calado. No limite, a briga desumaniza o outro, mata momentaneamente a alteridade de sua motivação. E no extremo

limite, a briga cala definitivamente, desumaniza de vez ao consumir o que é um risco inerente à violência – a morte. Deve-se observar ainda que a briga se distingue do duelo, já que, nesse caso, há a disponibilidade mútua de enfrentamento da luta. No duelo, um segue enxergando o outro como outro, sabendo e considerando que, por sua vez, também é o alvo do outro. No caso do duelo, os que se enfrentam não estão absolutamente cegos pela hostilidade, mesmo que tencionem eliminar-se por uma questão de honra. Diferentemente da briga, no duelo há, no mínimo, um respeito ao direito do outro também defender sua honra, quando, ao contrário, na briga visa-se anular tudo aquilo do outro que esteja presente em sua emergência. A questão de honra é o elemento motivador do duelo e o distingue da luta.

O que acontece na luta, então? Primeiramente, a luta encontra em si mesma a motivação para o confronto. Por um lado a luta tangencia a violência da briga e do duelo, entretanto, ao mesmo tempo ela tangencia a graça do lúdico. Se a luta pode se manifestar de modo circunspeto, num espírito de determinação tal que até amedrontador, ela pode também se manifestar como brincadeira. E como brincadeira a luta pode ser representativa – isto é, aludir a um duelo, a uma briga – ou primária, isto é, não representar nada, mas dar-se como um jogo corporal em que um e outro se tateiam empenhadamente procurando restringir a mobilidade do parceiro e, justo por se colocarem adversamente nesta relação, tornam-se adversários recíprocos. Se o brincar de lutar infantil já expressa bem essa manifestação lúdica, ocorrendo frequentemente e facilmente oscilando à briga, ainda assim talvez deixe dúvidas quanto à possibilidade de ser um jogo primário em relação à briga e ao duelo. Isto é, a brincadeira de luta das crianças é tão comumente atravessada pela representação do duelo ou briga que a possibilidade de que haja uma manifestação primária da luta lúdica não é óbvia. Mas o fato de que se encontrem manifestações equivalentes junto a animais como, por exemplo, cães e felinos, sobretudo entre os filhotes dessas espécies, traz à tona esse elemento que não parece, então, proveniente de uma hostilidade de princípio. Nesse caso, lutar não tem necessariamente relação com alguma hostilidade originária, mas com o simples emergir das possibilidades corporais de empenho e contra-empenho no mundo junto ao outro.

Portanto, retomamos a afirmação de que é em si mesma que a luta encontra a motivação para o confronto, resposta à questão sobre o que acontece na luta. Não que não haja motivações articuladas, por exemplo, aprender a lutar para se defender, se proteger da violência, se preparar para a guerra, etc. Mas essas motivações não são inerentes à própria luta, são metas que, para serem eficientemente alcançadas, usam dos recursos técnicos próprios da luta, isto é, tomam-na como um meio bastante apropriado aos fins. Saber lutar para se prevenir da violência é ampliar recursos corporais para evitar que o outro me coisifique, me anule. Saber lutar amplia, e muito, os recursos psíquicos para responder adequadamente à situação potencialmente violenta, isto é, recursos que não se limitem a uma reatividade arriscada a maximizar a violência potencial, num assalto, por exemplo. E esse é o elemento educativo, e até mesmo politizador da luta como prática sistematizada. A explicação regulativa da luta na orientação natural não dá conta de enxergar esse elemento. A noção educativa contemplada junto à noção esportivo contratualista relaciona a luta à simples aprendizagem de regras, ao seu uso racional, à anteposição de uma razão normativa à sensibilidade, aos impulsos, tudo aquilo que fala de um controle das emoções baseado em sua repressão.

Na luta, as intenções do outro são consideradas, a sua proposta combativa, as suas habilidades e recursos, a sua meta de restringir a mobilidade corporal alheia, isto é, a sua meta de vencer. Esse desafio coloca em risco o que é mais próximo – o próprio corpo – fazendo aflorar oscilações entre atitudes de briga e de duelo. A mobilidade corporal é aquilo que, na experiência real mundana, nos é mais imediatamente intencional, voluntário, livre no contorno dos limites que é o próprio corpo no mundo circundante. Portanto, a medida em que as ações mútuas entre lutadores são restrições diretas ao querer, à liberdade alheia, mas reciprocamente aceitas como o desafio mutuamente proposto, é a medida cujo transbordamento da aceitação recíproca corresponderá à passagem aos fenômenos da briga ou do duelo. Ora o lutador é tomado pelo estado emocional do querer anular o outro, entra em estado de briga, ora é dominado por uma reação vingativa de querer lavar a honra, entra no estado de duelo. O elemento humanamente formativo próprio à luta não passa ao largo da razão de ser da regra, mas o reconstitui desde seu interior. Como assim?

Na luta praticada sistematicamente o desenvolvimento de recursos passa pelo contato com a raiva, a frustração, o orgulho, a determinação, o medo, a fraqueza, a coragem, enfim uma vasta miríade de fenômenos. Mesmo que quase nunca se torne algo dito, idealmente, é como se houvesse uma espécie de refundação corporal moral das regras. Por não ser dito, isto se coloca como atitude. Daí também a luta não ser apenas com o outro, mas acontecer consigo próprio e pode ser tomada como um combate às próprias fraquezas, ao orgulho sobretudo, já que junto à exaltação do orgulho passa-se às raías da briga ou do duelo. Esse modo de ver a dinâmica da luta praticada sistematicamente, modo não contratualista, não demoniza a briga, o ódio, o orgulho, mas os assumindo como possibilidades humanas, lida com eles sem recalá-los de antemão, vive suas conseqüências de modo a potencializar formas alternativas de estar no mundo, capazes de responder ou antecipar suas conseqüências e desdobramentos. Por isso, mesmo na luta esportiva, a primeira impressão, aquela estética, nos lança à ética, nos lança à disponibilidade mútua ao enfrentamento que é anterior à própria institucionalidade esportiva. Vista assim, a dinâmica da luta sistematizada joga um papel formativo e auto-formativo com uma possibilidade educativa e política visceralmente atenta a variadas facetas da experiência humana. Isso está em oposição ao que é proposto pelo racionalismo repressor que, ao idealizar o humano, rejeita negativamente aquilo que é posto como resto relativamente ao humano idealizado. O lutador é aquele que sustenta esse estado de luta, por isso soa esteticamente elegante e sua posição ética nasce da própria experiência. O próprio do desafio ético do lutador é sustentar o espírito de luta quando tensionado a arrastar-se pelos predomínios da hostilidade própria à briga ou da hostilidade própria ao duelo.

### **Fenomenologia das artes marciais**

Enquanto lutas, as artes marciais em tudo guardam a essência da luta aqui analisada. Nas diferentes artes marciais a dinâmica da dimensão ética e estética da luta sistematizada assumirá diferentes formas e diferentes tensões junto às suas tangentes, mas sempre e necessariamente deverá lidar com estes aspectos que marcam os seus contornos. As artes marciais seriam apenas lutas? Ou são também armas? As artes marciais são apenas lutas e ser luta é a sua condição de possibilidade, como pretendemos explicitar. não se restringem a serem lutas, embora possam ser praticadas com a proposta estrita de serem apenas lutas. Seu vínculo com a guerra, portanto com a hostilidade deliberadamente destrutiva, está contido em seu nome. Contudo, *artes marciais* não se identificam com guerra ou com seu correlativo, a hostilidade destrutiva. Podemos dizer que as artes marciais, isto é, os *ofícios, saberes, práticas* marciais são aquilo de que se faz uso na ação de guerrear. A própria prática das mesmas não é o guerrear em si, assim como a arma não é a própria guerra, mas o uso que se faz dela pode fazer a guerra. Nas artes marciais não é possível cumprir a redução à luta puramente lúdica, à luta enquanto brincadeira desprovida de alusão aos conflitos presentes no duelo ou na briga. O aspecto moral de todas as artes marciais as vincula fortemente ao fenômeno do duelo, mas não deixa de prover recursos para responder enfaticamente ao fenômeno da briga e da unilateralidade que é própria a seus ataques tomando forma em fenômenos de violência. Contudo, mesmo diante de um ataque violento, portanto ataque que anula o outro como sujeito, o artista marcial apreende o seu agressor como sujeito, posiciona-se, então, como num duelo em que não há, entretanto, reconhecimento mútuo entre sujeitos. Aqui não se trata de uma decisão de nobreza do artista marcial, mas de um hábito adquirido na dinâmica da experiência de lutar – e oscilar entre o espírito de luta e os estados hostis – em que a agência do oponente é co-determinante na conclusão do combate. Fechar-se a essa agência do outro, mostra a luta, corresponde a restringir os recursos de combate já que pré-determina a ação do outro segundo um próprio esquema de ação ou segundo o simples impulso de anulá-lo. Porém o outro pode não corresponder à objetividade do esquema fechado previsto, levando-nos a diferenciar ainda luta e artes marciais de simples técnicas de combate. As técnicas de combate são esquemas fechados de ação corporal. A luta e as artes marciais se valem de técnicas, mas não se confundem com as mesmas já que lidam com o outro e com a possibilidade em aberto da multiplicidade de ações. Esse último aspecto implica no caráter sistematizado das artes marciais que, para prover recursos combativos, não se limita a um conjunto de técnicas, mas amplia-se consistindo num sistema mais complexo em que técnicas, táticas, estratégias visam dar mais abrangência ao repertório de

ação. Essa abrangência responde ao fato de que, em princípio, o outro não é coisificado. Dizemos “em princípio”, já que, por exemplo, diante de um leigo a possibilidade de um artista marcial coisificar o outro no combate é dada pelos limites do repertório leigo para a troca combativa. Essa diferença e esse poder de sujeição alheia exercem uma atração significativa à prática de artes marciais, sobretudo entre jovens. Porém, conforme nossas distinções anteriores, passamos aqui às intenções hostis que fazem fronteiras constitutivas com a luta e com as artes marciais. Trata-se de usos das mesmas e não da própria experiência delas, isto é, do caráter de mutualidade desafiadora nelas presentes.

Além da presença da experiência da luta, sem a qual não há arte marcial, cada arte marcial nasce bebendo em diferentes fontes para delinear-se como sistema e como *ethos*. Sua manifestação estética é acompanhada, como vimos, de uma atitude, de uma ética. Essa sistematização corporal e uma tipificação das condutas adequada à atualização do que é proposto pelo sistema corporal, são constitutivas das artes marciais.

A sistematização corporal responde ao fato de que, essencialmente, visa-se um objeto duplamente constituído: golpear e contemporaneamente não ser golpeado. Cada arte marcial tem sua objetividade característica diferenciada, ou seja, cada qual tem seus modos de golpear e de evitar ser golpeado, mas sempre possuem esse elemento objetivo. Junto a isso, implica-se o dado de que não se visa apenas um corpo, mas um sujeito corporal que, por sua vez, visa golpeá-lo e visa frustrar seu golpe. Ambos os aspectos, objetivos e subjetivos, correspondem respectivamente à sistematização corporal e à tipificação de condutas. Por tipificação não se entende estereotipia, mas um delineamento fluido de atitudes que respondem ao presente de modo a sustentar a atualização da luta sistematizada. Evidentemente que esse delineamento de atitudes esquiva-se do arrastar curto das hostilidades que obscurecem a luta nas raias da briga e do duelo. Se certamente há momentos históricos e circunstanciais em que se impõe lidar diretamente com a violência, podemos questionar se as artes marciais teriam alguma condição de se tornarem tradições se significassem isto: um aperfeiçoamento instrumental da violência. As artes marciais transitam nas fronteiras da violência, mas não são inerentemente violentas, pois quando cedem a isto deixam de ser expressão de si mesmas e se tornam expressão da hostilidade que evitam para se sustentarem em sua essência de luta. Há, portanto, na essência das artes marciais uma intenção de aperfeiçoamento naturalmente atualizada como auto-aperfeiçoamento de seus sujeitos. A menção à guerra presente em seu nome não é uma adesão à guerra, mas uma atitude de controle da situação de guerra – idealmente sua antecipação. Esse controle exigido pelo auto-aperfeiçoamento começa pelo desafio ao outro como também um desafio a si, isto é, um desafio à força da atração de ceder à hostilidade de tal forma que haja apagamento do outro. O apagamento do outro nos impede de lutar, daí o impedimento das artes marciais de simplesmente serem expressões violentas, pois isto implicaria em sua extinção.